

GILBERTO MONTE – Gestor cultural

Formado em Composição e Regência pela UFBA, é músico, compositor, produtor musical, gestor cultural e consultor para empreendimentos culturais. Foi Diretor de Música da Fundação Cultural do Estado de 2007 a 2011. Em 2012 criou a IN-VENTO.

1. Quem é Gilberto Monte?

Comecei a estudar música muito cedo, no conservatório. Fiz Faculdade de Física e quando estava perto de me formar larguei. Depois fiz Composição e Regência. Durante quatro anos e meio coordenei a parte de arte-tecnologia da EletroCooperativa, trabalhei como produtor musical e com geração de renda através de tecnologia e música com jovens de baixa renda. Depois disso passei quatro anos e meio no Governo do Estado da Bahia, na Secretaria de Cultura, dirigindo a área de Música da Fundação Cultural. Quando eu saí de lá prestei consultoria para algumas empresas na área de gestão cultural e, no início do ano passado, abri uma empresa para criar um espaço onde pessoas com afinidades pudessem se encontrar.

2. O que você entende por cultura?

É o que hoje que tem de mais significativo nas relações. Tudo que gera comunicação para mim é cultura. O que há de mais sublime nas relações entre as pessoas e das pessoas com o mundo hoje se define através da cultura. Mas eu não conheço nenhuma definição mesmo que me arremate: quando você define cultura está deixando de falar de muitas outras coisas que também estão inclusas, estão na dimensão da cultura.

3. Como você avalia as políticas culturais na Bahia nos últimos anos?

A Bahia deu um salto nessa área. Ela vem de um ostracismo gigantesco e ainda está entendendo o que é democracia, e junto com esse processo de entender o que é uma democracia ela também está entendendo o que é se reconhecer enquanto ser cultural, não apenas no nível simbólico, que a gente já vive, mas em relação a investimentos e ao desenvolvimento político. Temos uma Secretaria de Cultura recém-criada que está na sua segunda gestão. A primeira [gestão] foi um processo catártico, com uma produção muito grande e ao mesmo tempo desordenada, mas tinha que ser dessa forma porque havia um desejo reprimido, uma ansiedade grande sobre o que essa secretaria faria. A Secult é uma secretaria ainda muito jovem, com uma estrutura e orçamento muito precários, mas que tem promovido uma transformação sem precedentes. São indiscutíveis os resultados que essa secretaria gerou nos primeiros quatro anos e continua gerando hoje.

4. O que você pensa sobre os editais e as leis de incentivo como mecanismos de financiamento da cultura?

Eu sou uma das pessoas que mais tem batido, em plenárias públicas, que edital é uma ferramenta já ultrapassada, e não vejo discussão disso em lugar nenhum, isso me preocupa porque eu também não tenho uma solução. A gente tinha uma forma de fazer política em cultura que era a “política do balcão”. Os editais foram um avanço muito grande e necessário, justamente para quebrar com essa política de balcão. Foi a primeira saída, a primeira

www.producaoculturalba.net

ferramenta utilizada para trazer mais transparência ao processo, para democratizar o acesso, até certo ponto. Mas não é uma ferramenta que possibilita acessibilidade, o edital não é inclusivo e isso fica muito claro no que se refere à participação da população da periferia e do interior, devido à forma como ele é modelado e à sua linguagem. No caso do Estado, tem uma série de normas e regulamentos que são inflexíveis. E é exatamente isso que faz com que o edital não seja acessível, porque é feito para não ser acessível. Quando penso na questão da política pública para cultura acredito que o que é feito ainda é um trabalho de redução de danos. Nós ainda não iniciamos o ciclo de novas proposições, de inovação, estamos tentando sair de um período longo de defasagem, sem ter os instrumentos necessários para fazer uma redução de danos com qualidade, de forma que nos permita num prazo mais curto ter realmente alguma inovação. A maioria hoje dos investimentos de quem trabalha com cultura na área privada é através de leis de renúncia fiscal, criam editais usando recurso público. Não há edital com “dinheiro bom”, como falamos no mercado. Existem, mas são minoria. E por mais que exista consulta à classe para as comissões de seleção, essa consulta é filtrada também. Há sempre um filtro, que é institucional, e quando há esse filtro, por melhor que seja a intenção, ele sempre cria um recorte, que é inevitável quando se tem uma seleção com limite de orçamento. E quando esse recorte vem no conceito, enquanto política pública, isso é um problema, é um desafio a ser superado. Uma instituição privada tem liberdade para fazer o que quiser. Se for dinheiro público, tem que partir do interesse público, tem que permitir amplo acesso. Quando você começa a criar recortes curatoriais, definir conceitos, você começa a segregar investimento, um investimento que é público e de todos, e as partes mais interessadas não tem poder sob essa decisão. É muito importante a sociedade entender a responsabilidade dela, do Estado e da iniciativa privada quando falamos de investimento em cultura. Se não existir uma estratégia pra resignificar essa relação, a gente sempre vai ter uma relação doentia, que vai fazer com que ferramentas como editais existam para sempre. É preciso fazer com que o público entenda a sua responsabilidade também e pare de achar que sempre tem que haver alguém que invista em cultura que não ele, e criar uma forma que faça com que todo mundo invista.

5. Você foi um dos responsáveis pelo primeiro edital local para produção de conteúdo digital em música lançado no Estado, como você vê atualmente a questão da cultura digital na Bahia?

Falar de Cultura Digital é uma coisa antiga. Na época em que se criou o edital era importante renovar o termo digital porque era uma provocação, fazia sentido falar de uma cultural digital. Hoje é algo natural, não faz mais sentido falar de forma separada. Nós temos um grande problema que é a distribuição. O que mais acontece em um projeto relacionado a fonogramas e discos é você gravar um disco e não ter distribuição. Então pensei: vamos dar uma provocada em quem ainda está muito com a cabeça em produzir discos e fazer essas pessoas pensarem em trabalhar na rede. O edital não financiava o suporte físico, era para estimular as pessoas a criarem estratégias para promover suas criações nas redes sociais, ainda hoje, apesar de muitas pessoas já estarem atentas, muitas ainda não fazem isso ou fazem de forma ineficiente.

Foi o primeiro edital assim, não só aqui, e na época ele causou um burburinho. Acho que ele cumpriu a meta: gerou uma atenção sobre o modelo, era isso que pretendíamos naquele momento.

6. Pegando esse gancho, o que você acha da nomenclatura da “Assessoria de Culturas Digitais e Juventude” usada hoje na Secretaria de Cultura do Estado?

Acho importante o termo cultura digital para uma área da Secretaria, é importante que exista ainda nesse momento, mas juventude é desnecessário, pois a questão da juventude está em todas as áreas. Tratar cultura digital como algo de jovem é um erro, pois não tem sentido para o jovem falar de cultura digital. Tem sentido para pessoas que são mais velhas. O cara que é jovem cresceu em meio a códigos binários. Mas edital específico acho necessário ainda pelo seguinte: as comissões de editais tem muita dificuldade em entender alguns termos da área, então isso possibilita que alguns tipos de projeto que envolvam novas tecnologias tenham um olhar diferenciado. A maior parte dos curadores de uma comissão de seleção de projetos estão por fora do que acontece na ponta, eles geralmente entendem muito de produção, criação, etc., mas quando se trata de modelos atuais, há muito gente desligada disso, então a tendência é que eles se voltem para um projeto mais tradicional. Isso porque há um vácuo de formação em todas as áreas, é uma dificuldade que a gente vive hoje: formação em todas as esferas profissionais.

7. Qual o papel da iniciativa privada no financiamento de cultura?

É fundamental a existência da iniciativa privada no investimento cultural, o problema é que a iniciativa privada ainda não investe em cultura. Isso porque ainda não souberam explicar para ela o quanto é importante investir em cultura. Ainda existe uma muleta para o cara não gastar o dinheiro dele, que é a lei de renúncia fiscal. Essa lei é como o edital: foi importante por alguns anos, para mostrar às empresas as vantagens que ela pode ganhar investindo em cultura, mas com o tempo deveria ter sumido ou ter sido repensada, com outras regras de uso e tudo mais. É preciso ter consciência que há um problema nesse modelo. A Secretaria se vangloria porque nenhum estado do Brasil tem tanto edital na área de cultura, mas é preciso desenvolver coisas novas, pois daqui a alguns anos, uma outra gestão vai ver que o edital é um equívoco e vamos ver que a Bahia é o estado que mais tem equívocos. Enquanto tiverem isso as empresas dificilmente vão querer botar dinheiro próprio, a não ser que o empresário tenha uma consciência mínima sobre a importância da cultura. Em outros países em que não existe lei de renúncia fiscal, grandes empresas criam institutos, fundações, programas de investimento, pois não existe esse dinheiro público e existe uma consciência sobre o valor de se pagar por um projeto ou um produto cultural. É um outro tipo de educação. Isso impacta também na questão do microfinanciamento, pois fica muito mais fácil, é mais rápido, tem chance de dar mais certo um microfinanciamento em um local onde as pessoas tem o hábito de pagar por algo. Eu acho até que tem que investir menos dinheiro em artistas e mais dinheiro em estratégias para se formar um mercado sustentável. O estado cobra sustentabilidade do artista, mas não cria ferramentas para que ele invista em algo sustentável. Os artistas e produtores também não

conseguem se organizar. Não é só o estado que não cria e não faz, a sociedade não consegue se organizar para fazer com que esse mercado sustentável exista.

8. Qual a sua avaliação sobre a produção artístico-cultural da Bahia nos últimos anos? E quanto ao interior?

Eu não me sinto apto a falar sobre produção cultural, pois eu não consigo observar todos os aspectos da produção cultural de um estado tão rico quanto a Bahia. O que eu posso falar é que para mim é muito claro que os investimentos feitos ainda em 2007 estão gerando frutos significativos, pois tem muita coisa acontecendo. Na área da música por exemplo, você vê o Carnaval Pipoca esse ano tendo uma repercussão como não teve em 2008 e nem nos anos seguintes, mas foi um investimento sucessivo que fez com que, pela primeira vez, esse ano, você visse mais gente olhando as atrações, a imprensa cobrindo melhor, dando força para rediscutir o simbólico desse carnaval enquanto modelo de negócio. Um dos grupos mais falados hoje na cena independente e que tocou no carnaval foi o Baiana System, que recebeu um investimento do governo enorme em várias áreas. Foram várias as linhas que eles se beneficiaram. O Neojibá só existe por causa do suporte do governo e de algumas empresas. Está formando uma geração de músicos sem precedentes, não só na música erudita. Mas músicos que aprendem a música erudita e vão atuar também na música popular. Sempre teve muita coisa boa no interior que precisava de investimento, e muito projeto que recebe dinheiro, mas é muito fraco. É uma coisa que acho que deve ser ajustada dentro da gestão, tanto pública como privada, é observar, com indicadores, o que é que deu certo ou não. Fala-se muito na quantidade de projetos e no valor do investimento, mas não se mede o impacto disso. É importante ter a percepção real, estatística, para poder criar parâmetros novos de investimento que reduzam um possível não acerto. Temos muita gente boa aqui, mas há um êxodo muito grande dessas pessoas para fora da Bahia, isso porque não tem investimento contínuo, não tem mercado, etc., precisamos mudar isso, investir em políticas de uma forma que talentos daqui consigam se tornar muito bons aqui, ou que estejam saindo e voltando e não sendo expatriados como tem sido.

9. Qual a importância da crítica na área da cultura? Como você avalia a crítica na Bahia?

O que está acontecendo aqui não é muito diferente do que está acontecendo em outro lugar. Crítica é um problema do país, não da Bahia. Aqui pode ser um pouco pior, mais grave do que em outras cidades que tem mais críticos, mas a crítica vem sendo rediscutida no mundo. É muita coisa acontecendo, um crítico ou outro para dar conta é impossível. Acho que tem um problema de formação do crítico: você geralmente gosta daquela área e começa a escrever, e muita gente consegue escrever de forma boa, outros não. Os meios de produção hoje também estão mais acessíveis, então tem muita gente criando e muita gente fazendo coisa ruim. Como garimpar uma coisa boa diante de tanta informação? Nesse sentido os *blogs* começam a ter um papel importante, pois às vezes é um estudante de jornalismo ou alguém que gosta de determinada área que vai escrever melhor sobre ela do que muito crítico. O papel do crítico é fundamental porque a sociedade ainda precisa de filtros. Um ponto que eu acho importante,

que sinto falta, é o crítico enquanto aquela pessoa que consegue criar correlações, e não apenas alguém falar que um show foi bonito. Uma banda que começa hoje a fazer uma temporada numa casa de shows daqui, se ela der sorte vai ter uma matéria falando e depois não tem mais nada! Hoje o que você tem é um texto jornalístico, sem opinião, um jornalismo imparcial, muito mais baseado no *release*, onde você não pode escrever com emoção, pois dessa forma vai parecer que está querendo vender a música. Hoje o jornalista virou um médico que não pode criar afeto com um paciente. Você está falando de cultura, tem que ter paixão. Cultura é paixão. O crítico tem que estar aberto ao erro também, não um ser supremo que pode falar da vida dos outros e nunca erra.

10. O que e/ou quem (projetos/espacos/instituicoes) voce destacaria em termos de gestao cultural na Bahia e por que?

Tem gente fazendo coisa boa, mas ninguém que me emocione.

11. Como voce percebe a questao da profissionalizacao na area cultural? Quais as principais necessidades do mercado baiano hoje?

Esse é o problema maior de todos. Não há formação na área de Cultura e até o curso que vocês fazem [Produção Cultural] é estudos em cultura, né? É a academia refletindo sobre a cultura. Ainda há um distanciamento muito grande de outras esferas da produção cultural. Já é um grande avanço existir esse núcleo de estudos, mas a gente ainda não tem formação nenhuma na área técnica, as escolas são poucas. Virou um mercado novo, esta tendo um *boom* disso, um crescimento grande que é muito bom. Mas, quando você olha para o mercado, é muita gente despreparada. O cara que é *roadie*, ele era o cara que geralmente era um amigo da banda, que decide estar ali... Têm uns que levam a sério, usando a internet como fonte de conhecimento. E a produção cultural é a mesma coisa. Qualquer mercado, para um profissional despreparado, é difícil. O problema é que a maioria das pessoas, artistas, produtores, técnicos vem muito do acertar errando, e isso ainda é um problema, faz com que muita coisa não dê certo. E aí fica de novo esperando que o estado ou uma empresa seja a fada madrinha que vai tocar a cabeça de alguém e fazer com que a abóbora se transforme, não dá! Criar, processo de criação, tem que ser livre e pleno. Uma vez que você criou, aí virou produto. Que pode ser um produto pra poucos, para uma área mais refinada ou menos, para grandes escalas ou não. Mas, dali pra frente é um produto, tem que ter uma estratégia de comunicação, de distribuição, tudo isso tem que acontecer. O produtor cultural, que é o cara que vai vender o produto, ele tem que entender de marketing. O curso de produção cultural aborda uma série de coisas, mas deixa de abordar várias outras. O cara do marketing que poderia entrar bem nesse setor, ele tem uma formação de marketing de produto e não tem uma visão ampla do que é arte, do que é cultura, da responsabilidade disso com o desenvolvimento da sociedade. Ele vem com uma visão de vender pacote de OMO, sabe? Rótulo de Coca-cola e aí quer tratar cultura também como um produto coca-cola e não é. Temos que começar a aproximar esses cursos da realidade.

12. Hoje é preciso que o artista também seja um empreendedor? É possível aliar essas duas funções?

Não é preciso que artista seja empreendedor. Mas o artista que não for um empreendedor tem que ter uma visão ampla do mercado em que atua. Isso ele tem que ter. Não dá para achar que só precisa entender de fazer música. Por quê? Porque se ele não é empreendedor, e são poucos que são empreendedores, ele tem que ter a habilidade de identificar um empreendedor, um produtor. O produtor que vai cuidar da carreira, da gestão de um artista, ele tem que ser um empreendedor. Para ser bem assessorado, o artista tem que ter uma visão ampla do mercado, para poder dizer: “pô, ela é a melhor produtora que eu posso ter. Ela tem tudo a ver, ela entende do meu mercado”. Eu não posso fazer rock e meu produtor entender tudo do mercado de música erudita e achar que vai dar certo, não vai. Quem não tem uma visão ampla vai identificar de uma forma equivocada os profissionais. Agora, esse papo de que todo artista tem que ser empreendedor, não. Porque em nenhuma área é assim, não se exige isso de ninguém. E nem todo mundo tem capacidade para ser empreendedor. Ser empreendedor é um talento, como criar é um talento. Porque um empreendedor pode não ser criativo, ele vai ser um cara bom de abrir portas, seduzir.

13. Como você avalia a parceria que vem se efetivando entre o Estado e o SEBRAE em relação à formação em Cultura?

Acho importante o casamento SEBRAE e o Estado. Eu não concordo muito com os cursos que estão fazendo hoje, a forma como eles estão abordando, acho que é uma forma antiga. Tem muita gente que fala: “ah, é antigo, mas para muita gente é novo”. Sim, mas tem coisas erradas, então tem que vir coisas novas certas, e não continuar com as erradas. Eu já falei isso dentro da SECULT, já falei isso para o SEBRAE. Mas é importante o trabalho que eles estão fazendo juntos. O Qualicultura tem um escritório dedicado para a economia criativa. Aliás, o Qualicultura ainda está muito na cultura, precisa ter mais economia criativa. Esta com um pé grande na economia criativa, mas ainda é muito gestão cultural. E a Secretaria de Cultura ainda é muito gestão cultural também, apesar de ter um pé na economia criativa, quer dizer, elas precisam ter mais pés na economia criativa, para o bem da gestão cultural.

14. Em relação à Economia Criativa, como você avalia a situação da Bahia? E em relação aos demais estados?

A Bahia está muito atrás. Economia criativa é um nome horrível, porque parece que quem não está nessa economia não é criativo. É arrogante isso. Cultura para mim é fator de desenvolvimento, e cultura tem que estar em outras áreas da economia. E outras áreas da economia tem que estar dialogando com cultura, senão não vai gerar desenvolvimento. A questão da economia criativa você pode tratar ela como indústrias criativas - que para mim é algo ultrapassado, a gente já tem indústria criativa aqui, mas é o fordismo na perspectiva da criatividade. Então, precisamos chegar à era do conhecimento, da tecnologia, que aí é pensar a economia criativa relacionada a paradigmas de uma nova economia. Uma economia que lida com sustentabilidade, com divisão mais democrática dos valores, criando transformação para

territórios, incluindo pessoas, então isso para mim, é o lado da economia criativa saudável. Existe uma perspectiva de economia criativa que é tão perversa quanto outros mercados que já existiram, e isso eu não acho legal. Seja de um lado ou de outro, estamos muito atrás. Existe pouca discussão. Um dos primeiros fóruns contínuos foi o que a In-Vento criou, que foi o programa Cultiva, no qual trouxemos a Lala Deheinzelin, que é um dos grandes nomes dessa área. As pessoas que estão vindo para cá, elas já entendem esta perspectiva, tem trabalhos desenvolvidos nesta perspectiva da qual eu estou falando. Tem outras pessoas para falar bem sobre economia criativa, mas vão falar no conceito que não é o conceito do Cultiva. Alguns desses outros profissionais o SEBRAE já está trazendo, promovendo alguns outros fóruns e etc. O SEBRAE está atento, a SECULT está atenta, então assim há um início de investimento, mas ele ainda é muito incipiente. O Rio de Janeiro está anos luz na nossa frente. Acho que talvez um dos estados que estejam mais avançados seja o Rio, com o programa Rio Criativo. A Bahia tem um potencial gigantesco para um programa nessa direção, e eu não vejo nada sendo discutido de forma realmente relevante. Eu torço muito que mais agentes estejam atentos, e que invistam, porque sem dúvida alguma é uma economia que vai crescer muito nos próximos anos.

15. Como você avalia os espaços culturais (ou para a cultura) na Bahia? Quais as principais carências? O que você pensa sobre a nova Arena Fonte Nova em Salvador?

Precisamos aprender a gerir espaços culturais. Estamos num crescente, 2007 foi um ano marcante na Bahia, é indiscutível isso, e tudo é muito novo. Então há uma evolução nessa perspectiva do pensamento da gestão dos espaços culturais. Muita gente sendo formada trabalhando nisso, acertando e errando, não porque teve uma capacitação em gestão de espaços culturais, mas porque esta tendo que aprender a desenvolver a tecnologia, pesquisando, ensinando para outros, repassando e por aí vai. Temos espaços culturais, precisamos qualificar esses espaços. Eu vejo assim, se hoje você cria um equipamento incrível, você tem que trazer uma pessoa de fora para fazer a gestão, para que ele seja sempre um propulsor, renovado. Se não traz um bom gestor, a tendência é manter aquilo como está. E um bom gestor tem que estar transcendendo, tem que estar resignificando aquele equipamento de tempos em tempos. Então esse é um momento da gente estar aprendendo, hoje somos uma grande escola ainda nesse momento. Estamos formando, iniciando a estruturação de algumas escolas, hoje é isso que a gente tem. Sobre a Arena Fonte Nova, eu acho ótimo! Quem é o maluco de dizer que não é bom? Eu ficaria mais feliz se dissesse assim: “Inauguramos 10 lugares na cidade pra apresentações para um público de mil a duas mil pessoas”, que não tem. A gente não tem esses espaços para circular uma economia de médio porte, a Bahia é muito os extremos, ou é muito pequeno ou é muito grande.

16. O que você pensa sobre a gratuidade do acesso a produtos e bens culturais? E quanto à meia-entrada?

Meia entrada é um equívoco. Acho que as pessoas têm que ter acesso à cultura e isso tem que ser através de uma política inclusiva. É um equívoco a forma como a meia entrada foi criada.

Não existe viabilidade. Vai ter a meia entrada, mas vai ter um órgão que regula, fiscaliza? Tem uma enxurrada de carteiras falsificadas, não dá para ser a favor da meia entrada. Mas que um jovem, de baixa renda, que está estudando, precisa ter uma política que permita a inclusão dele, sim precisa. Isso deve ser discutido. Como é que você cria escalas de investimento e acesso? Cultura tem que ser paga. Mesmo que barata, tem que ser paga. Essa relação do gesto de pagar alguma coisa é de fundamental importância para criar sentido. Se vai ter algo de graça, tudo bem, é de graça! Mas, porque que é de graça? Como é que se controla o que vai ser de graça se você quer ter um mercado? Isso quer dizer que não dá para nunca ter um show de graça? Não, não quer dizer isso. Mas, se se discute tanto que o criador, o produtor, tem que ter um projeto sustentável, tem que criar regras pra criar um mercado sustentável. É o show de graça, o espetáculo de dança de graça, a exposição de graça, tudo gratuito demais. Então, não é discurso meu “não pode ter de graça”, mas também não dá para ser de graça de qualquer jeito, aí você não cria mercado.

17. Como você avalia a organização da classe artística baiana? Qual a sua importância?

Pouco organizada, e qualquer área que queira discutir um mercado tem que ter organização. Aí todo mundo fala: “Porque em tal país os artistas são tratados de tal jeito, tem outra condição”. Tem! Porque são organizados, os sindicatos são fortíssimos nessas áreas, conseguem colocar uma bancada, fazer política, defender termos de contrato para os técnicos e profissionais da área, nem de perto a gente sonha isso aqui. Não existe, por exemplo, um artista *mainstream* ganhar milhões a cada show e pagar o que ele quiser para os músicos. Não existe isso, é termo de lei. Se você tem um patamar tal de bilheteria, um percentual tem que ser revertido para os músicos. Isso foi defendido porque alguém foi um dia no governo, na mesa dele e decidiu que era assim? Não, isso é pressão sindical, organização do setor. E pressão sindical e organização do setor só existem quando há inteligência nisso. Os sindicatos aqui ou não existem ou são muito fracos, ninguém quer estar ligado a um sindicato, ninguém quer lidar com sindicato, sindicato é coisa do passado. Seja um sindicato, uma cooperativa ou qualquer modelo de organização, não tem. Hoje é quase isso, uma ausência de direitos, porque outros mercados aprenderam a se estruturar e o nosso não. Então eu acho que a gente está muito atrás, e ainda está com muita “cuia de queijo” pedindo esmola.

18. Como você avalia a atuação das organizações coletivas hoje, a exemplo do Fora do Eixo? Como você situa a Bahia nessa perspectiva?

Eu sou um admirador do Fora do Eixo, de alguns aspectos do Fora do Eixo. Nunca existiu nada parecido no Brasil. Nunca tantos jovens foram inseridos em processos de estruturação de redes, para pensar cultura, pensar projetos, nunca uma rede compartilhou tecnologia de como fazer projetos. A velocidade com que esses caras juntaram jovens de todo o país e compartilharam tecnologia é sem precedentes. Um circuito de shows que nunca existiu no país existe hoje. Aí todo mundo fala: “Tem um monte de festival mambembe, que não paga cachê, etc, etc”. Gente, é uma rede nova, onde tem um monte de gente nova, fazendo o festival acontecer, assim, na raça. Você acha que um cara faz um festival sem pagar cachê porque ele

quer? Eu não acredito nisso. Se vai ter quem se aproveite, pague menos, isso tem em qualquer lugar, em qualquer economia. Tem um monte de gente jovem querendo ver a coisa acontecer na sua cidade, sem suporte de poder público, empresa, nada. E conseguindo edital com pouca grana, porque já pegou um modelo de projeto que circulou na rede. Isso é incrível! Hoje você vai de Salvador até Buenos Aires tocando todo dia numa cidade. As condições que essa rede proporcionam para você tocar estão de acordo com aquilo que você quer e acredita? Podem não estar. Mas aí é uma opção sua, querer ou não. Eles estão oferecendo o que foi possível ser criado até então. Ai, muitas vezes as pessoas metem o pau no Fora do Eixo e eles caem no erro de querer achar resposta para tudo, como se eles fossem um grande governo, e não são. Eles crescem a cada ano, eles se qualificam numa velocidade muito mais rápida do que as pessoas que deram de testa fazendo no mercado da cultura, acertando e errando, porque eles compartilham tecnologia, porque eles são rede. Quer dizer que isso tudo é só positivo, só da certo? Não, não é. Claro que vão ter equívocos, claro que vão ter respostas equivocadas, estratégias a serem revistas lá na frente, como eles já fizeram mil vezes, mas antes de mais nada, é uma revolução de fato, que nunca aconteceu. E eu sou um otimista de ver isso daqui a 20 anos. O que eu acho em relação a Salvador é exatamente essa questão: para alguns ecossistemas a cena Fora do Eixo vai ser mais interessante do que para outros. Então, através de uma leitura muito superficial, as cidades do interior estão precisando se valer mais dessa tecnologia do que a capital. Porque talvez quem esteja atuando nesse mercado que o Fora do Eixo atua também não ache que a solução deles seja tão interessante, aí não ganha tanta força. Como é o caso que aconteceu em Recife, que não pegou. Não é em todas as capitais do Brasil que eles são fortes. O próprio nome diz, fora do eixo, né? Quando você está dentro do eixo talvez a coisa perca um pouco do sentido. Capital está mais dentro de uma lógica de “dentro do eixo”.

19. Você acaba de criar a In-Vento, fale um pouco sobre a empresa. Além dela, no que mais está envolvido, como gestor ou produtor musical?

Hoje eu estou muito focado na empresa. E muito focado nessa experiência do mercado. Eu queria estar nisso, para ampliar minha formação. Porque você enquanto gestor no terceiro setor é uma perspectiva, no Estado já é uma outra forma de se relacionar. Então, agora estou atuando numa outra posição, que é diferente. A In-vento é uma empresa com responsabilidade social, que é algo novo. Então, além de eu estar nesse lugar estou procurando algo que muita gente não conhece. Isso exige energia, demanda tempo. Tenho participado de mesas, de palestras, às vezes eu faço consultorias pontuais, mas a maior parte do meu tempo está mesmo em estruturar a In-vento. O ano passado foi interessante porque a gente fez muitas coisas pequenas em áreas diferentes. E essa era uma estratégia, porque temos vontade de atuar em cenários diferentes. Então a gente quis sentir cada cenário, e esse é um ano que a gente vai ousar mais, se mostrar como empresa. O foco é tanto nos negócios como também em ações para estruturar o setor, como o programa Cultiva, que é uma rede que a gente montou de microempresas, que atuam na área da economia criativa e de forma colaborativa, sem patrocínio a gente realiza esse projeto, na perspectiva de nova economia. A base é a

criatividade. Como é que a gente usa uma série de pessoas com conhecimentos de diferentes áreas para trabalhar em rede, aqui e fora? A gente trabalha com profissionais de outros estados e outros países e gera solução para pessoas e empresas na área que a gente gosta. Temos que passar a trabalhar por uma sociedade melhor, isso é urgente, então a gente tem que começar a pensar como criar realmente soluções que criem impacto para quem está na área criativa, e que isso se reverta como fator de desenvolvimento para a sociedade. Tem muita gente que fala “ah mas a arte por si só já é um remédio para a alma, para a sociedade”. É! Mas você pode fazer com que esse remédio tenha um nível de eficiência mais alto. Como? Fazendo ele chegar a mais gente, de uma forma mais interessante, mais acessível, envolvendo mais pessoas, isso faz com que o impacto que seria pequeno atinja um público muito maior. Então, eu acredito muito hoje no investimento numa perspectiva de uma área da economia criativa ligada a negócios sociais. Eu trabalho muito na interseção dessas áreas. Da mesma forma que a economia criativa é algo tão amplo e aberto, negócios sociais também são, e existe essa área de convergência. É essa área que hoje me interessa. E a In-Vento é um espaço para juntar pessoas que se interessam em trabalhar nesse sentido.

***Entrevista realizada por Anne Elisabeth e Larissa d’Eça, dia 21 de fevereiro de 2013, no Palacete das Artes, em Salvador.**